

Por um futuro melhor: SEMPRE!

Dezembro 2011: novo cruzamento de linhas – final de ano civil; primeiro período letivo: sinal de continuidade para uns, início de nova etapa para outros, com a usual publicitação nacional dos resultados de exame do ano letivo anterior.

Os sinais de crise mundial, marcadamente europeia e portuguesa em particular, preenchem a agenda informativa e cravam certezas de dificuldades crescentes para 2012.

Foi nesta realidade marcada por dificuldades financeiras que a maioria dos nossos alunos reiniciou o novo ano letivo, imbuídos do espírito de continuidade do seu percurso escolar e do seu desenvolvimento humano. A estes juntaram-se-lhes, principalmente, os novos alunos do 7º e 10º, dos anos iniciais dos CEF e dos cursos profissionais, encetando uma nova etapa e iniciando uma nova adaptação, uma entre tantas por que irão passar ao longo da vida. A estes alunos foi-lhes exigido um tipo de comportamento e de atitudes que constituem a matriz da escola, garante de um crescimento sustentado em valores e ações propiciadores de efetivas aprendizagens.

Para uns a adaptação foi fácil, para outros foi mais fácil o trazer velhos hábitos para a escola, sendo mais lento o processo de aquisição de um quadro de valores que passa pelo respeito por si, pelo outro e por tudo aquilo que, de novo, a escola lhes deu.

As estruturas da escola, as qualidades humanas e o saber científico e didático dos professores, coadjuvados pelos assistentes operacionais e técnicos, saberão desenvolver e acelerar esse processo de aquisição e de desenvolvimento pessoal desses alunos, integrando-os no saber, no saber estar e no saber ser que caracteriza o projeto e a vivência da escola.

Neste primeiro período, publicou-se, como é hábito, o ranking nacional com os resultados dos exames de 2011. Aí, os nossos alunos obtiveram, no secundário, e uma vez mais, o 1º lugar do concelho, e o 2º lugar no distrito. Esta posição de destaque, ficando nas primeiras cento e cinquenta escolas, continua a demonstrar a continuidade do trabalho produzido diariamente na escola.

Os alunos que têm já os seus objetivos claramente definidos sabem que contam com o trabalho de todos os elementos da escola no sentido de lhes serem dados os instrumentos e os conhecimentos para os alcançarem.

Aqueles que ainda os não têm, sentem, diariamente, que todos trabalham no sentido de lhes permitir encontrar o melhor caminho para construírem o seu objetivo. É também neste sentido que, no próximo dia 22 de dezembro, no Teatro Municipal da Covilhã, a escola irá reconhecer o mérito do trabalho e da dedicação demonstrados pelos seus alunos, nos últimos dois anos. Reconhecimento do trabalho de uns, incentivo para o trabalho dos restantes.

É, pois, num contexto europeu de crise, na etapa inicial de um novo ano de dedicação e empenho no global desenvolvimento dos nossos alunos que, neste mês de dezembro, desejamos a todos os alunos, professores, assistentes, pais e encarregados de educação e suas famílias, votos de que:

A MAGIA DO NATAL ESTEJA CONVOSCO.

Aníbal Mendes, diretor



9º ano no Mosteiro dos Jerónimos, p. 9



Clube de Rádio/TV, p. 3

Leia também:

Associação de Pais, p. 2

Um filme e um livro, sugestões do Clube Chama, p. 4

Novos desafios da educação em Portugal, p. 5

BE/CRE, p. 6/7

Dia das línguas, p. 8

A palavra aos alunos, p. 10

Dia nacional da cultura científica, p. 12

À descoberta do céu, p. 9



1º lugar regional NOS@EUROPE, p. 5

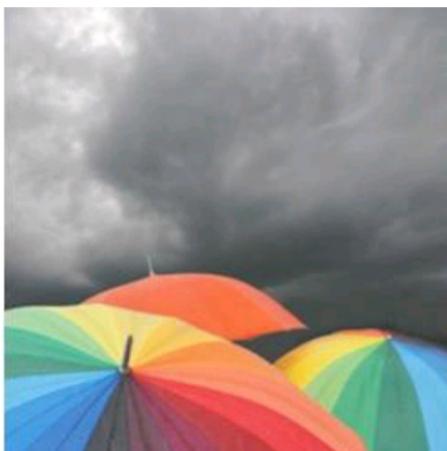


Associação de Pais e Encarregados de Educação

A crise e a esperança

Vivemos uma época difícil, todos o sabemos, e já se começa a perceber, na marca dos nossos traços, que andamos tristes e preocupados. Os semblantes estão pesados e os risos são cada vez mais escassos. Não se consegue disfarçar este sentimento. Pudera, a razão não é para menos! A “crise” acorda connosco e passa os dias à nossa volta, insistente, onde quer que estejamos. Estamos quase a perder a esperança e parece que nunca mais se vê uma luz ao fundo do túnel. Isto já cansa! É preciso contrariar este clima. Aproveitar as adversidades para redescobrir e adotar outros valores que nos sustentem e que foram os pilares da minha geração e de muitas outras. Sei que parece uma lamechice, mas é preciso acreditar de novo! Acreditar no que somos! Um povo de “gente do mar”, de coragem e resistência. De luta e tenacidade.

Temos as crianças e os adolescentes que nos obrigam a lembrar o esforço que devemos fazer. Felizmente que



nos recordam do otimismo que deve existir em cada um de nós. Felizmente que pintalgam esta zona cinzenta e nos fazem olhar de forma mais positiva para este parco destino. Felizmente que nos indicam que devemos lutar, e não desistir, para construir um futuro melhor. Se não temos meios para lhes oferecer um bom nível de vida e condições de empregabilidade no futuro, podemos sempre lembrar-lhes a importância do que consideramos valores inalienáveis de sempre. E como se aproxima o Natal vamos aproveitar a quadra e oferecer tempo de qualidade aos que amamos, dar abraços e beijos, palavras amigas e sorrisos. Descobrir o melhor em nós e nos outros. Partilhar o que somos e já agora... fazer um esforço para comprar o que é nosso!

Feliz Natal!

Fátima Rodrigues,
Vice-presidente da APEE



Contactos da APEE:

apee.esfhp@gmail.com

[facebook.com/AssociacaoPaisESFHP](https://www.facebook.com/AssociacaoPaisESFHP)

<http://apeeescolasecundriafreiheitorpinto.blogspot.com/>

Caros Pais e Encarregados de Educação

Na continuidade do projecto SER (Solidariedade E Responsabilidade), iniciado em 2010, a Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE) da Escola Secundária Frei Heitor Pinto (ESFHP), aquando da divulgação do calendário escolar 2011/2012 fez uma campanha de sensibilização para a angariação de sócios com o contributo de 5 Euros. Sendo este valor único e referente ao ano lectivo 2011/2012.

Este contributo tem como objectivo angariar fundos para, em complementaridade com a actuação da Escola, minimizar as situações de carência económica ao nível dos alunos, (através, por exemplo, do cartão solidário já implementado na Escola).

Sabemos que são tempos difíceis, contudo este valor simbólico fará a diferença para algumas crianças e jovens que frequentam a Escola. Convictos de que estamos juntos neste projecto, pedimos a Vossa co-

laboração, pelo que em Janeiro será feito novo apelo para quem pretenda ser sócio e ainda não o é.

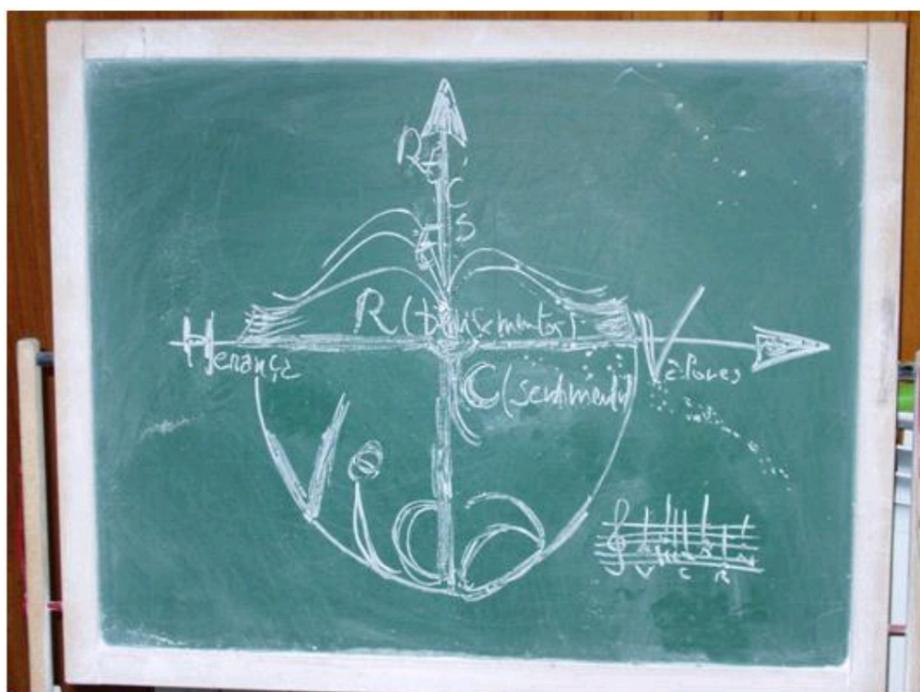
Estar atento às necessidades dos alunos é um dos alicerces da nossa missão, assim como estreitar a comunicação com os Pais e Encarregados de Educação (PEE), neste sentido é fundamental que nos façam chegar as vossas sugestões, por exemplo temas que gostariam de ver abordados em Workshops direccionados para os PEE, preocupações ao nível da Escola, tais como a segurança, infra-estruturas e outras que considerem importantes para que junto dos órgãos da Escola consigamos melhorar a cada dia. Acreditamos que conseguimos fazer mais e melhor, pois é pelos nossos filhos e educandos, e pelo futuro deles que abraçamos este projecto.

Votos de Festas Felizes.

Teresa Raquel,
Presidente da APEE



Ler faz bem ao coração



Se uma imagem vale por mil palavras e se a palavra falada é vestida por som e gestos, a palavra escrita com arte, é capaz de produzir imagens que falam, gestos que se sentem, aromas e gostos que se recordam.

Capaz de tocar todos os nossos sentidos, toca a nossa vida actualizando no presente todo o nosso passado e alarga o nosso horizonte. É costume dizer-se que o nosso limite é o limite das nossas palavras. É frequente também ouvirmos: “Não tenho palavras para dizer o que sinto...”

Tenho para mim que a nossa riqueza é a riqueza das nossas palavras e dos nossos sentimentos. Razão e Coração são a sede dos nossos tesouros. Pensamentos e Sentimentos são o que de verdadeiramente

possuímos e o que é genuinamente nosso.

O nosso berço (herança) pode e deve ajudar-nos a construirmo-nos, mas depende sobretudo de cada um de nós o esforço de ir acrescentando valores que, em todo o tempo, nos fazem crescer.

E se a Amizade e Alegria tão presentes na juventude são ingredientes essenciais na VIDA, esta só se descobre como verdadeiro Dom quando nos doamos, e abraçados aos Valores que vamos descobrindo, perseguimos sonhos e utopias, que nos diferentes modos de sermos Inteligentes nos fazem viver de forma tão diversa e faz de nós melodias ir-repetíveis.

Dr. Vítor Santos, a pedido da APEE

Cartão Solidário Alerta!

Aqui fica o meu breve alerta para todos vocês, alunos da nossa escola: não se esqueçam de contribuir!

Há uns dias fiquei um pouco desiludida quando reparei que as contribuições para o Cartão Solidário da nossa escola têm vindo a diminuir, o que é realmente triste. Não custa nada, e pequenas quantias podem fazer a diferença.

Basta diriges-te à papelaria e dizer o seguinte: "gostava de carregar o cartão solidário com..." É fácil não é? E, por vezes, os vinte cêntimos que andam perdidos no fundo da nossa carteira podem ser o pequeno-almoço do nosso colega.

Por isso já sabes, faz da tua pequena ajuda um grande exemplo!

**Patrícia Garcia, 10º C,
Clube CHAMA**



Saúde na escola

No dia 17 de outubro comemorou-se na escola o dia mundial da alimentação com a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos do 7º ano e do 10º ano, turma A. Para comemorar o dia mundial de luta contra a sida, os alunos do 10º E construíram e representaram (no dia 2 de dezembro) uma pequena peça de teatro sobre esta temática no bar dos alunos e na sala de professores. Foram aplaudidos entusiasticamente! Os alunos do 10º A fizeram uma curtametragem que apresentaram aos seus colegas mais novos, na biblioteca da escola.

A educação para a saúde deverá ser feita, fundamentalmente, pelos alunos para que mais facilmente a mensagem seja veiculada. O PES da ESFHP adotou este paradigma: não interessa realizar muitas sessões e ações de sensibilização que ninguém retém, o que vale a pena é trabalhar com os alunos para que efetivamente adotem estilos de vida saudáveis, sabendo exatamente por que o fazem.

A equipa do PES da ESFHP

Clube de Rádio e TV

Dizem que fazer rádio deixa um bichinho que se mantém para sempre, será uma espécie de vírus ou vício, mas em bom... Imagino que com a televisão se passe o mesmo. Quantas escolas proporcionam isto: a ocasião de experimentar algo novo, mostrar um pouco do que nos vai cá dentro e que todos ouçam ou vejam?

O Clube de Rádio e TV da nossa escola já está em funcionamento. Ok, admitimos, somos nós os responsáveis pelo barulho à hora de almoço, fica o pedido de desculpa aos mais incomodados e vamos estar mais atentos, deixámo-nos levar pela música, foi só isso. Por enquanto, é mais rádio, sim, falta tempo e as solicitações são sempre muitas. Ainda bem que assim é, mau é quando nada nos interessa e passamos o tempo livre a ver o nada que outros fazem em casas mais ou menos secretas. Um dia destes, damos um pequeno passo na televisão, que raio, estamos aqui para ousar e dizer que fizemos. Num

filme muito conhecido, O Clube dos Poetas Mortos de Peter Weir, o conceito-chave é *Carpe Diem* (Aproveita o Dia), porque depois é sempre demasiado tarde. Psst!! Tu aí, estou a falar para ti!

Estão asseguradas as emissões internas à hora de almoço e o programa semanal na Rádio Cova da Beira, para o mundo ouvir a Frei Heitor Pinto na emissão *online*, sempre à quinta, entre as 19 e as 20 horas.

Como estamos aqui para divulgar o que vais fazendo, ficamos à espera. Vá lá, não te acanhes.

O convite está feito. Os que se aventuraram até agora foram estes: Luísa Azevedo (8ºC), António Santos (7ºB), José Costa (7ºA), Simão Bichinho (7ºA), João Silva (11ºPHST), Luís Silva, Luís Gomes, Rui Marcela, Sérgio Alfredo, Tiago Martins, Ulisses Gaspar e Vanessa Ascensão (11ºPGSI) e Prof.ª Ana Monteiro.

Mas ainda aí estás?

Prof. Miguel Cardoso



Boa disposição durante a emissão.

Clube CHAMA: novos membros e novo fôlego

Este ano letivo tivemos a adesão de novos elementos no Clube CHAMA, a saber: **Inês André**, 12º A; **João Fazendeiro**, 12º C; **Francisco Silveira**, 12º D; **Luisa Azevedo**, 8º C e **Juliana Carrola**, 9º B, que se juntam aos veteranos **Patrícia Garcia**, 10º C e **José Diogo Simão**, 10º A.

Ao novos elementos damos as boas vindas e a todos votos de boas escritas!

Pela primeira vez, também com os os elementos do 12º ano, estamos a concorrer ao DNescolas. Este pessoal tem garra!

Clube de Robótica Participação na Semana Europeia da Robótica

Alunos da turma do 11º ano do Curso de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e alunos dos 7.º, 8.º e 9.º anos que frequentam o Clube de Robótica, participaram na Semana Europeia da Robótica, na Escola Superior de Tecnologia de Castelo Branco.

A *European Robotics Week* é uma semana dedicada à robótica com diversas atividades desenvolvidas na Europa, para o público em geral. O objetivo deste evento foi realçar a importância da robótica em diferentes áreas de aplicação. Esta iniciativa permitiu incentivar os alunos para a educação tecnológica e para o futuro profissional ligado às STEMs (Science, Technology, Engineering e Mathematics).

No dia 28 de novembro, os discen-

tes tiveram oportunidade de construir pequenos robôs móveis para operações de busca e salvamento, num evento denominado por *Hands-on with mobile robots (Lego NXT Based)*.

Links relacionados:

Eurobotics Week Portugal:

<http://euroboticsweekpt.deec.uc.pt/>

IPCB no Mapa da Robótica Europeia:

<http://www.ipcb.pt/index.php/component/content/article?id=462>

Facebook do Clube de Robótica Escola Secundaria Frei Heitor Pinto (Covilhã):

<http://www.facebook.com/#!/pages/Clube-de-Rob%C3%B3tica-Escola-Secundaria-Frei-Heitor-Pinto-Covilh%C3%A3/157827757608597>

Clube de Robótica



Professores e alunos do Clube de Robótica e alunos do 11º PGSI.

Cinergia Estática



Título: Lost In Translation;
Título em Portugal: O Amor É Um Lugar Estranho;
Ano de estreia: 2003;
Género: Drama;
Realização: Sofia Coppola;
Argumento: Sofia Coppola.;
Elenco principal: Bill Murray, Scarlett Johansson;
Nota: 9/10.

Diz um muito “gasto” e conhecido provérbio que “uma imagem vale mais que mil palavras” e essa afirmação encaixa que nem uma luva em *Lost In Translation*, o aclamado segundo filme da realizadora norte-americana Sofia Coppola. Estreada em 2003, a fita viria a ser um sucesso comercial (tendo em conta a relação do seu orçamento - baixo - com as receitas de bilheteira), a arrecadar um Óscar na categoria de melhor argumento original (sendo nomeado em três outras: melhor filme, melhor realizador, melhor actor principal) e, anos mais tarde, a figurar no top da década de 2000 para muitos críticos de cinemas.

Lost In Translation parte de uma premissa simples: o encontro de dois estranhos (oriundos dos EUA) em Tóquio, Japão. Bob Harris (Bill Mur-

ray) surge na história como um reputado actor de meia-idade que viajou para a capital japonesa para gravar sessões publicitárias. Casado há cerca de 25 anos, a presente condição da união matrimonial pode ser comparada à sua situação psicológica: está visivelmente entediado, deprimido, conformado com uma realidade da qual já conhece todos os ângulos. Charlotte (Scarlett Johansson) é uma jovem que se deslocou para Tóquio na companhia do marido, fotógrafo. No entanto, o seu trabalho acaba por levar a que esta esteja só a maior parte do tempo. Um pouco à semelhança de Bob, é uma pessoa infeliz, perdida e atravessa uma crise existencial. Após alguns encontros e desencontros, os dois conhecem-se no bar do hotel em que estão hospedados. Unidos pelo mesmo estado de solidão e alienação, por um problema de insónias e por um choque cultural, vão desenvolvendo uma amizade muito singular ao longo dos dias...

Voltando à perspectiva da frase com que a crítica foi iniciada, o filme é uma autêntica “fotografia em movimento” e de uma grande beleza, tendo como pano de fundo uma paisagem japonesa urbana e moderna. Coppola consegue transmitir aquele inefável fascínio pelo mais vulgar do quotidiano, algo tantas vezes procurado e tão poucas vezes concretizado. Esse encanto “atinge” e sensibiliza o espectador que o consegue captar, transportando-o não só mentalmente, mas também dando a ilusão de uma viagem real, física. Sem qualquer margem para dúvida, *Lost In Translation* vive essencialmente da sua realização soberba. Talvez fosse suficiente para captar as tais temáticas de solidão, crises existenciais, alienação e choque cultural (já referidas) sem recurso a qualquer fala, uma vez que o estado de espírito dos protagonistas aparece representado num meio e num tempo histórico que para eles direcciona. De facto, num mundo do século XXI, cada vez mais acelerado, distorcido,

confuso, dependente da tecnologia, em que o aumento generalizado da qualidade de vida abriu espaço para reflectir sobre outros tormentos, Bob e Charlotte são dois exemplos perfeitos, duas vítimas “sufocadas” pelo bem-estar da sociedade em que estão inseridas.

Apesar da força e do peso da fotografia neste segundo trabalho de Sofia Coppola, também o argumento é de grande qualidade. Guiado por uma narrativa lenta (que será um contratempo ao espectador com menor capacidade de atenção e somente familiar com a estrutura típica dos grandes blockbusters de Hollywood), mantém-se interessante do primeiro ao último minuto, pela riqueza das personagens, pela tensão e atracção existentes entre elas e por diálogos inteligentes, coerentes e realistas. Não se cai no típico cliché de ter os protagonistas em cenas apaixonadas pouco tempo após se cruzarem pela primeira vez e talvez por aí a derradeira cena do filme se torne ainda mais memorável. Num outro plano, a existência de subtis momentos de comédia numa atmosfera envolvente caracterizada pelo silêncio e desfocada como um sonho induzido por hipnotismo é fulcral para transparecer uma impressão de melancolia, de uma tímida e complexa alegria de estar triste...

Explorando o significado do título *Lost In Translation*, desvenda-se que este é uma expressão americana que simboliza a faceta cultural que se perde ao traduzir uma língua para outra de um país com costumes diferentes. É por aí que, mesmo na presença de tradutores, os protagonistas se sentem incompreendidos. No filme, a expressão tem duplo significado, aludindo metaforicamente para o estado das vidas de Bob e Charlotte. Não deixa de ser irónico que este choque cultural ocorra num mundo moderno, supostamente globalizado, sendo provável que seja mais um sentido escondido por detrás das cortinas: as personagens não só estão desajusta-

das da cultura japonesa em específico como também o estão perante o período histórico-social circundante. Outro aspecto a destacar pela positiva são as actuações. Num registo *low key* (discreto) que parece o mais adequado à fita cinematográfica em análise, Bill Murray tem (de acordo com os votantes dos *Academy Awards*) a sua única performance merecedora de uma nomeação para um Óscar e Scarlett Johansson, na mais bem recebida actuação da sua carreira, expressa uma maturidade invulgar para alguém que não passava de uma miúda de 18 anos aquando das filmagens de *Lost In Translation* (a personagem Charlotte tem 25 anos de idade). Consegue uma nomeação para os Golden Globes de 2004, na categoria de melhor actriz principal numa comédia ou musical (no mesmo ano foi nomeada para melhor actriz principal num drama pelo seu desempenho em *Girl With A Pearl Earring - Rapariga Com Brinco De Pérola*, em português), apesar da obra não ser de todo um musical e da comédia não ser o género preva-

lente. Por último, mas não menos importante, uma palavra à banda sonora, maioritariamente constituída por música alternativa, que se enquadra em pleno no filme e o valoriza no espectro da audição. A canção “*Sometimes*” dos lendários My Bloody Valentine será talvez o ponto alto, estando directamente ligada à sensação de sonho e perplexidade, uma constante ao longo da fita.

Até hoje, *Lost In Translation* permanece como a *magnum opus* de Sofia Coppola e será certamente uma daquelas obras que perdurará no tempo pelo retrato fiel que faz ao contexto histórico-social do qual é proveniente: a sociedade urbana de um país desenvolvido na primeira década do século XXI.

Artigo escrito segundo a antiga ortografia.

**Francisco Silveira, 12º D,
Clube CHAMA**

“Para Sempre, Talvez”



Acabo agora de ler o livro “Para Sempre, Talvez” de Cecelia Ahern e não podia deixar passar a oportunidade de o aconselhar! Pode ser requisitado na biblioteca da nossa escola.

Para Sempre, Talvez conta uma história de amizade entre dois melhores amigos, Rosie e Alex, conhecem-se desde o primeiro dia de aulas do primeiro ano, e desde então são inseparáveis. Suportaram juntos o suplício das aulas de matemática às segundas-feiras de manhã, as reprimendas da professora e até uma suspensão. Um dia, veem-se separados por um oceano, pois o pai de Alex é transferido para Boston e a família deve acompanhá-lo. Consciente de que iria encontrar a felicidade junto de Alex, Rosie planeia ir ter com ele a Boston, mas o destino força-a a

manter-se na Irlanda. Uma série de mal-entendidos e azares deixa-os afastados e quando, finalmente, se reencontram não sabem o que fazer com a atracção que esteve sempre presente.

Um livro fácil de ler, por estar escrito na forma de cartas e emails, com um enredo que nos prende desde a primeira linha até ao fim do epílogo. Um livro que retrata a vida de dois melhores amigos que são tudo um para o outro, que se completam sem igual. Apesar de verem os seus destinos afastados ao longo dos anos, quer por novas relações, quer por questões profissionais, sempre se mantiveram amigos e passaram juntos por muitas experiências, desde a gravidez, ao casamento e ao divórcio. Estas duas crianças cresceram jun-

tas, entre brincadeiras e traquinices. Tornaram-se jovens sempre presentes um para o outro, aconselhando, ajudando, em aventuras próprias dos anos da adolescência. E apesar desta amizade se ter tornado frágil, permaneceram as memórias, as lembranças de duas almas ligadas eternamente por uma cumplicidade sem explicação.

Uma relação atípica que prova a todos os leitores que o mais precioso na nossa vida são os melhores amigos, essas ligações maravilhosas que ultrapassam mares e montanhas, que vingam entre adversidades, ligações que devem prevalecer Para Sempre: «As ex-namoradas são esquecidas facilmente. Os melhores amigos ficam connosco para sempre»

Patrícia Garcia, 10º C, Clube CHAMA

Sem título

Cada vez mais o Homem se afasta da sabedoria preconizada pela máxima de que errar é humano.

Cego pela ambição de vencer e norteado pela arrogante prepotência que não lhe permite a humildade suficiente para admitir que o erro é intrínseco à sua natureza, crê este Homem, não raras vezes bem instalado na vida talvez, não por mérito próprio, mas por meios pouco "explícitos", que não é importante reconhecer o erro, vendo nesta elevação uma afronta, uma humilhação. Todavia, em meu entender, grande é a pessoa que reconhece a sua "pequenez", o seu erro, pois só tendo consciência dele poderá fazer melhor da próxima vez. Até porque sempre ouvi dizer que os génios da humanidade reconheceram que erraram, quando tal aconteceu, e essa humildade não é sinal de fraqueza, não diminui o valor da pessoa, antes pelo contrário, ajuda-a a crescer e permite-lhe ser até mais tolerante para com os outros que erram.

É esta falta de tolerância e de humildade que nos leva a todos à perdição porque nos afastamos da humildade de ser e de estar no mundo, impedindo-nos de ver os pormenores que fazem a diferença, pois são eles que nos permitem o deslumbramento perante o espetáculo do mundo, reservado aos simples de alma e coração.

**Inês André, 12º A,
Clube CHAMA**



A Educação em Portugal: os novos desafios

Tal como qualquer outra pátria do mundo, a pátria portuguesa foi, ao longo da sua história, assumindo cada vez mais responsabilidades no que à educação dos seus residentes diz respeito. Em tempos que remontam à fundação da nação, o acesso à instrução restringia-se a um único grupo social: aqueles que desejavam dedicar o resto de suas vidas a Deus. Só décadas depois, o ensino se tornou universal, mas não gratuito e, como tal, apenas os que reuniam condições financeiras para frequentar escolas ou contrataram mestres individuais se juntaram aos anteriores e usufruíam efectivamente de educação; regra geral: nobres e burgueses. A rede de escolas foi alargada, as primeiras universidades criadas, o conhecimento aprimorado e novos métodos de ensino experimentados e assim se manteve este sistema durante muitos e longos anos, até que, já em pleno século XX, se assistiu ao avanço mais significativo da história do sistema de ensino português, que acabou por nos conduzir ao actual modelo: é instaurado o ensino gratuito obrigatório. Primeiro, até ao 4º ano, depois até ao 6º, em seguida até ao 9º e há bem pouco tempo atrás, até ao 12º. Este colossal passo, a juntar à instituição de um sistema de apoios aos alunos provenientes das famílias mais carenciadas financeiramente e de reconhecimento do mérito contribuíram, assim, decisivamente para o desenvolvimento cultural da população portuguesa, em geral, e para a promoção da igualdade de oportunidades entre elementos de classes sociais diferentes, a que hoje todos assistimos, em oposição à época da fundação do condado portugalense. Não obstante tão considerável evolução ao longo de mais de oito séculos, o sistema educativo português está longe, bem longe de ser

perfeito e muitos são os sectores da sociedade a apontar graves falhas: de políticos a académicos da matéria, de professores a meros cidadãos inteirados do assunto. As críticas são, de modo geral, unânimes: o recente desprezo pelo verdadeiro objectivo da educação – a aprendizagem – e a implementação de políticas de ensino unicamente com fins estatísticos – capazes de maquilhar os verdadeiros problemas e iludir muito habilmente a população em geral – promovendo-se o facilitismo e ignorando-se continuamente os problemas disciplinares dos alunos, o que está na base de uma consistente perda de autoridade do professor dentro da sala de aula; a inexistência de um modelo de avaliação docente; a excessiva burocracia, problema esse partilhado por muitas outras áreas da função pública; a falta de autonomia dos estabelecimentos de ensino, quer escolas, quer universidades; as ruinosas parcerias público-privadas, entre outros.

Mas será algum destes o maior problema do ensino português? A minha resposta é não. O maior problema está hoje na desadequação do actual modelo, sem uma resposta convincente para a incompreensão da importância da instrução no processo de desenvolvimento humano. Se outrora quem se via privado de formação rapidamente se apercebia da sua importância – sofrendo duras revés nas suas vidas – hoje em dia, como todo o cidadão português nasce sem tamanha privação e com o dever de se instruir até completar 18 anos, a obtenção de tal percepção é difícil para muitos. Com isto, o que se ganhou, ao longo da história, em parte por boa vontade de quem governa, foi-se perdendo em força de vontade por parte de quem estuda. Cabe agora ao Estado Português

solucionar tal problema, procurando desde cedo que os jovens reflectam – atendo às suas possibilidades – acerca de si próprios, do mundo que os rodeia e da importância da aprendizagem no seu desenvolvimento, como seres humanos que são. Que fomenta neles o interesse pelo conhecido e pelo desconhecido, que os leve a recuperar a força de vontade perdida. Redireccionar o objectivo das políticas educativas, pôr em marcha um modelo de avaliação docente, simplificar todo o sistema, de modo a que professores e alunos se possam centrar nos seus verdadeiros papéis, descentralizar o poder do Ministério da Educação, rever os contratos das parcerias público-privadas já existentes e repensar as novas, nunca chegará... É necessário reformular o conceito de ensino em Portugal. O ensino não se pode cingir unicamente à instrução em si mesma, mas deve também abranger o capítulo do papel fulcral que essa mesma instrução detém na vida de uma pessoa.

Apostar nesta reformulação é hoje, mais do que nunca, urgente e de fulcral importância para o futuro do nosso país. Numa época em que atravessamos uma grave crise financeira e económica, após o saneamento das contas públicas, a recuperação só será possível com crescimento e o crescimento com investimento na competitividade das empresas.

De salientar, que tal acréscimo de produtividade, não é só possível através de cortes nas contribuições fiscais, da aposta na investigação e do desenvolvimento técnico, mas também e, de forma realmente sustentável, investindo em capital humano. Esperemos que o Governo não se esqueça disso.

Artigo escrito segundo a antiga ortografia.

**João Fazendeiro, 12º C,
Clube CHAMA**

La Résistance conquista o centro



Os elementos do grupo, com o professor que os orientou.

A equipa La Résistance, composta pelos alunos João Fazendeiro, Daniel Pais, João Gomes e Francisco Silveira supervisionados pelo Professor Paulo Alçada, posicionou-se no 1º lugar a nível regional na 1ª fase do Concurso NOS@EUROPE, encontrando-se, assim, entre as 28 equipas apuradas para a próxima fase.

A equipa a representar a Escola Secundária Frei Heitor Pinto foi a única na região Centro a responder correctamente às 20 perguntas que compunham o Questionário da 1ª fase do concurso que visa envolver a sociedade Portuguesa no debate informado e criativo sobre os desafios da recuperação económica e financeira e na procura de soluções que

promovam uma sociedade mais participativa, mais justa e mais coesa. Na próxima fase, as equipas apuradas terão de elaborar um texto sobre as causas e consequências da crise como também um vídeo sobre o tema: Inovação, conhecimento, empreendedorismo e regeneração de negócios como forma de ultrapassar a crise, sendo a melhor equipa de cada região apurada para a Grande Final a realizar nas instalações da Universidade de Aveiro – responsável pelo projecto - no dia 9 de Março. Notícia escrita segundo a antiga ortografia.

**João Fazendeiro, 12º C,
Clube CHAMA**



Vale a pena ir à biblioteca



QUEM SOMOS?

Professora Bibliotecária:

Regina Gadanho

Professores da Equipa Educativa:

Sílvia Martins

Alice Pereira

Mónica Ramôa

Paulo Jorge

Funcionários:

Deolinda Manteigueiro

Paulo Pereira

Clube dos amigos da biblioteca

Gaspar Gomes, 9.º C

Lúcia Romano, 8.º A

Ana Filipa Marques, 8.º A

Luísa Azevedo, 8.º C

António Santos, 7.º B

Bárbara Fazendeiro, 7.º B

Agenda Cultural da BE/CRE 1º período

- Outubro – Mês Internacional da Biblioteca Escolar
 - Visitas guiadas à BE/CRE (Turmas dos 7.º e 10.º anos)
 - Acolhimento de reuniões com Encarregados de Educação
 - Na biblioteca... com Carlos Fiolhais: As Bibliotecas e a importância de ler (14 de outubro)
 - Sessão de leitura com o 7.º B, na Biblioteca Municipal –Dia das Bruxas
 - Ciclo de exposições:
 - Exposições temáticas – Dia das bruxas; 5 de outubro
 - Exposição sobre Aspetos históricos dos movimentos feministas
 - Exposição Cidade da Covilhã, comemorativa do Dia da Cidade
- Abertura do Concurso Nacional de Leitura na escola (1.ª Fase)
- 5 de novembro - Sessão de esclarecimento sobre o novo acordo ortográfico
- 17 de novembro: Município leva clássicos à escola – sessão sobre Luís de Camões para alunos do 9.º ano
- 23 de novembro: visita à livraria Bertrand
- 7 de dezembro: 7º encontro da comunidade de leitores
- 12 de dezembro – Matiné de Natal – sessão de cinema e lanche convívio para os alunos do 7.º ano
- Feira do Livro (23 de novembro a 16 de dezembro)

As visitas guiadas no mês da biblioteca escolar



7.º A



7.º B



7.º C



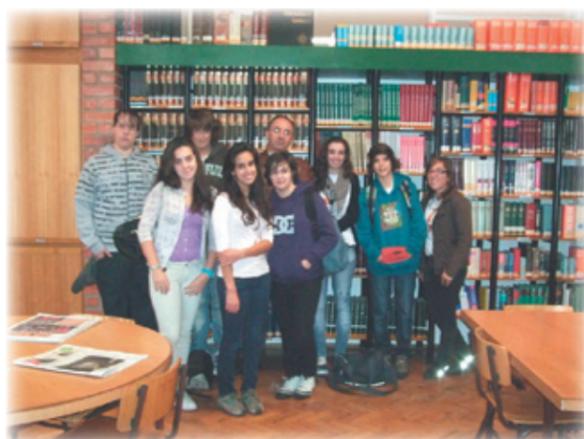
10.º D



10.º B



10.º C



10.º E



10.º F

Algo de diferente se passa em outubro nas bibliotecas escolares (BE). Após a azáfama de setembro em torno das tarefas de arranque, muito centradas na elaboração e revisão de documentação funcional da biblioteca, chega o mês em que, em cada escola, cada equipa da BE dá a conhecer aos novos alunos as potencialidades de um espaço que concentra em si todas as valências que outras realidades da escola apenas detêm parceladamente: informação, inovação, tecnologia, aprendizagem, cultura, saber e lazer.

Regina Gadanho, Prof.ª bibliotecária

Breves da BE/CRE

A Câmara Municipal da Covilhã leva os Clássicos às Escolas



Conhecer os escritores da literatura clássica, ler e ouvir o que escreveram no seu tempo, são objetivos desta atividade educativa e pedagógica, que a Biblioteca Municipal leva às escolas do 3.º ciclo e secundário. Na nossa escola, a segunda sessão da iniciativa intitulada "MUNICÍPIO LEVA CLÁSSICOS ÀS ESCOLAS" teve lugar no dia 17 de novembro, às

10:30 horas, na Biblioteca Escolar. O autor em foco foi Luís de Camões com apresentação biográfica por parte de Manuel da Silva Ramos. Em seguida, a equipa técnica da Biblioteca Municipal proporcionou aos alunos presentes, as turmas de 9º ano, momentos de animação de leitura em torno da obra do autor.

Visita à Livraria Bertrand

No dia 23 de novembro, um grupo de alunos do 7.º B teve uma aula de Língua Portuguesa diferente e foi à Livraria Bertrand para conhecer este espaço "por dentro" e conversar com o escritor Manuel da Silva Ramos. No final, até houve uma sessão de autógrafos e muitas perguntas dos pequenos leitores. Comemorava-se o 6.º aniversário daquela livraria na nossa cidade.



Conversas na biblioteca... com Carlos Fiolhais



A biblioteca escolar recebeu, no dia 14, o Físico Carlos Fiolhais – professor catedrático no departamento de Física da Universidade de Coimbra e diretor da Biblioteca Geral desta Universidade.

A iniciativa inseriu-se na comemoração do Mês Internacional das Bibliotecas Escolares – outubro – e teve por tema "As bibliotecas e a importância de ler".

Exposição sobre movimentos feministas



A organização não governamental, Associação Lusófona para o Desenvolvimento do Conhecimento, apresentou, na biblioteca escolar, a Exposição Aspectos Históricos dos Movimentos Feministas – do século XVII aos nossos dias que mostrava a evolução da Mulher e as lutas que foram travadas pela sua emancipação.

A exposição, composta por variados documentos (telas, selos, livros, fotografias...), pôde ser visitada até ao dia 7 de novembro e inseria-se no Projeto Igualdade é Progresso.

O dia das bruxas na biblioteca

No dia 2 de novembro chovia muito, as folhas caíam das árvores e estava muito frio. Apesar disso, a turma B do 7º ano foi à Biblioteca Municipal, com a professora de Língua Portuguesa, para participar numa sessão de leitura integrada na comemoração do Dia das Bruxas.

Ao chegar, entrámos numa sala

muito escura, que era um pequeno anfiteatro decorado com teias de aranha, morcegos e bruxinhas suspensos do teto. Foi aí que lemos e escutámos duas histórias de terror, uma de Charles Dickens e outra de Edgar Allan Poe, ao som de uma música arrepiante. A animadora da biblioteca estava vestida de preto e

nas mãos tinha acessórios alusivos ao tema. Assim se criou um ambiente assustador!

Nós não achámos que as histórias fossem de verdadeiro terror, mas proporcionaram-nos momentos agradáveis. Até foi dada oportunidade aos alunos de contarem uma história. O António é que aproveitou e, embora tivesse improvisado, fez com que a Beatriz gritasse de susto...

Terminámos a atividade na biblioteca com uma visita à sala de leitura juvenil.

Finalmente, regressámos à escola e nem a chuva, que teimava em molhar-nos, nos impediu de guardar duas boas recordações deste dia: um anel de aranha, que nos ofereceram, e a magia das histórias, que nos contaram.

Texto coletivo (7º B)

Feira do livro 2011, com apoio da editora ASA



Escola

A missão das ovelhas

Numa pequena quinta, viviam um cavalo, um burro, uma vaca, um galo, algumas galinhas, um carneiro, uma ovelha e o seu filhote.

Os animais conversavam entre eles. E cada um julgava-se melhor do que o outro.

-Só nós pomos ovos! – dizia uma das galinhas.

-Sem o meu leite as crianças passam fome – dizia a vaca.

-Se não fosse eu – dizia o cavalo – o nosso dono teria de andar de pé.

-Se eu não puxasse o arado – dizia o burro – aqui ninguém comia! – E olhando para os carneiros, completava: - Só os carneiros não servem para nada! Só comem. Não põem ovos, não dão leite e não trabalham! O cordeirinho ouviu a conversa e, muito triste, perguntou à mãe:

-Nós não servimos para nada?

Carinhosamente, a mãe respondeu:

-Filho, Deus criou a Terra, o Sol, a água, as plantas, os homens, os animais. Tudo foi feito de uma forma tão perfeita, que não existe nada no

mundo que não tenha o seu valor. Todos precisamos uns dos outros.

Nisto, entrou o dono, o Sr. José. Agarrou o carneiro e a ovelha e levou-os. Diz o cavalo:

-Bem dizia o burro que eles eram inúteis...

Deve ir vendê-los...

Algum tempo depois, a porta abriu-se. O carneiro e a ovelha voltaram, tosquiados muito magrinhos... A gargalhada foi geral:

-Como são magrinhos! Pareciam ser tão grandes...

-Nunca vi nada tão feio!

Mas a ovelha contou ao cordeirinho:

-Filho, nós os carneiros também temos utilidade. Damos a nossa lã e com ela os homens fazem agasalhos e cobertores. A nossa lã vai crescer novamente, será cortada muitas vezes e, assim, seremos sempre úteis.

-Mãe, somos mais importantes que os outros?

-Não, filho, cada um é o mais importante na sua missão.

Grupo de EMRC, 9º ano

A nobre tarefa de desenvolver a moral

Neste novo ano letivo e escolar, temos novos objetivos e novos horizontes. A malfadada crise, essa, mantém-se.

Na nossa vida pessoal e profissional, como na de qualquer aluno, é importante sabermos desenvolver novas habilidades e sermos sábios na gestão das nossas emoções. De contrário, ficamos aquém das nossas potencialidades, correndo o risco de termos uma péssima qualidade de vida, como um barco sem leme.

Hoje somos, amanhã seremos, uma página na história de alguém. Entretanto, que sementes estamos a plantar? Somos livres de escolher o que plantamos, mas somos obrigados a colher o que semeamos.

O ser humano mais famoso da História e mais extraordinário no aproveitamento das potencialidades

do Homem foi o maior educador, pensador, orador e empreendedor. Marcou um *antes* e um *depois* na nossa era.

Promoveu a lei da qualidade de vida, inspirando a serenidade e a calma com delicadeza de açucena. Pelo dom da palavra, alterou o rumo da História, fazendo constatar que a vida só verdeja e floresce, graças à benevolência. Fez crer que a subida à cordilheira da humanidade vale a pena e é um acto precioso.

Há coisas que os olhos não captam só o coração acolhe. Só assim se evita o eclipse do sol na nossa alma.

Há muitas auroras por despontar nas nossas vidas e nosso intelecto. É isso que confere coragem e alento para a nobre tarefa de desenvolver a moral.

A Prof.ª de EMRC, Piedade Costa

1993-2008;2011-?

Como um fogo que arde fora de tempo
Sempre atrasado para tirar proveito de cada momento.
Como a queima mais lenta no decorrer do ápice
Sempre em queda no mais longo cinzeiro súplice.

Os pensamentos, eles vêm frenéticos
Já na véspera de uma noite em que perco sono
E neles obsesso sem um franja de sintonia
Fora de um corpo que há muito não é abono
Os medicamentos, eles devoram tudo menos a disforia!

É algures na exaustão que a sua brevidade me é espoliada
E aí não me importa se és o implorado farol delusório,
A célebre febre de outrora que mais auguro
Dissolvida numa das cenas-limite que cada segundo é na minha mente,
Enquanto o suspense de caras familiares repousa na minha frente,
Perante as pedras pulantes de um riacho de um conto imaturo.

Inspirada que está a beleza de um tão receado nihilismo,
Vou fazer as malas e acelerar até à beira do abismo!
Porque até mesmo o castelo no cimo do topo da montanha
Não deixa de estar na companhia do fundo do vale,
Não deixa de oscilar entre o ar e o mar!

É tempo de jogar com as cartas que tenho,
De usar baralhos amigos na manga.
Os mesmos da ponte do meu desenho,
A mesma que construirei e destruirei,
Sob a razão de uma ignorância que é bênção,
Por fim distante de uma margem a que jamais retornarei!

Costumavas afirmar sem hesitar:
"As sombras são os ontens a que não podes escapar."
Bem, há uma fenda no teu argumento
Pois eu desafiei-as na latitude "amanhã!"
Eu irei conter os demónios bem pela manhã!

Parei de querer virar o meu mundo do avesso
Quando tudo o que há a virar é a minha face do chão.
Passei a querer sentir os épicos calafrios do derradeiro recomeço,
Preparado que estou para dividir a tela e aceitar a tua mão,
Findadas que estão as muitas vezes em que a indecisão decidiu por mim,
Este é o velho confuso trapézio bipolar a finalmente expirar-te um "sim!"

Francisco Silveira, 12º D, Clube CHAMA

"Día de la Hispanidad"



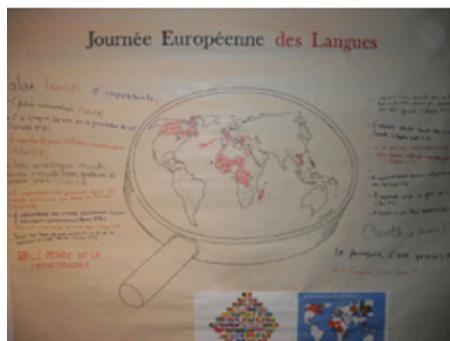
Os alunos do 11º ano de Espanhol, realizaram no dia 12 de Outubro uma exposição de trabalhos que tinha como tema o "Dia da Hispanidade". Este dia é comemorado em todos os países que têm como língua o espanhol, pois celebra a união das diferentes etnias do mundo hispânico e marca o descobrimento da América por Cristovão Colombo. Até ao século XV, a América e a Europa eram mundos distintos, na medida em que

não conheciam a existência uma da outra, bem como os povos pré-colombianos e os índios das Américas. Como é do conhecimento geral, este período da História ficou conhecido pelos Descobrimentos e pelas grandes navegações que mudaram o mundo para sempre. Colombo partiu de Espanha no dia 3 de agosto de 1492, rumando para mares desconhecidos, enfrentando doenças que dizimaram parte da tripulação, fome e falta de água, dificultando assim a viagem. Certo é que no dia 12 de outubro de 1492, Colombo avistou terra e a partir daí o mundo mudou com o encontro do velho mundo, a Europa e do novo mundo, a América. Esta exposição transmitiu assim aos alunos um pouco da cultura hispânica.

Diana Tomé, 11ºC

Gonçalo Brandão, 11ºB

Journée Européenne des Langues



Nous avons célébré à l'école la "Journée Européenne des Langues" avec l'activité "Le Monde de la Francophonie". Pour l'affiche de divulgation que nous avons faite, nous avons

compté sur la fabuleuse créativité de notre professeur d'Éducation Visuelle, M. Chinita (merci pour son aide!). Dans la classe de Français nous avons situé et signalé sur une carte du monde les pays francophones. Puis, chaque élève a écrit, sur la même affiche, une phrase sur l'importance de PARLER le FRANÇAIS.

Nous avons aimé cette activité parce qu'elle nous a fait mieux connaître l'importance de la langue française dans le monde dans un contexte plus décontracté qu'un cours de langue classique.

Les élèves des classes AB, 7º.

À descoberta do céu...

No dia 7 de Outubro partimos à descoberta do céu noturno da Covilhã. A ideia surgiu naturalmente, quando estudávamos Galileu Galilei numa aula de Físico Química... O Telmo, aluno da turma B do 7.º ano, pôs o dedo no ar e afirmou: «Eu também tenho um telescópio e, como Galileu, também consigo observar Júpiter!».



O Telmo, com o seu telescópio.

Imediatamente a seguir, todos colocaram questões ao Telmo sobre a utilização do telescópio. Sugeriu então que, em conjunto, viajássemos pelo céu com a ajuda do telescópio do Telmo. Marcámos a data, convidámos os pais e as outras turmas do sétimo ano e pedimos aos céus uma bela noite, sem chuva, nevoeiro, frio ou outro fenómeno inconveniente aos nossos propósitos. Enquanto preparávamos a nossa viagem, ocorreu-me convidar também o professor João Matoso, afamado astrónomo amador, para se juntar a nós e nos ajudar a desvendar os mistérios do céu. A noite escolhida estava fresca, que o Outono não perdoa e gosta de

casacos quentinhos. mas um a um, lá foram chegando as verdadeiras estrelas da noite: os alunos. O Telmo exibia orgulhoso o seu telescópio, rodeado pelos colegas. O professor Matoso dava instruções e orientava o telescópio que apontava certo para o céu; um a um, todos viram a Lua (como só lhe podemos ver uma face, desejamos muito que seja a mais bonita!), Júpiter e três dos seus satélites.

É verdade que todos os dias têm as suas noites! A Terra não pára de rodar, embora nunca fique tonta, vejam bem! Mas esta noite foi realmente única... Sinto que as estrelas também contam histórias no céu, tal como as contam

as palavras nos livros; são histórias muito brilhantes e sempre diferentes, ao jeito de quem as lê. Consta-me que alguns alunos já compraram um telescópio e procuram encontrar nas estrelas o mesmo encanto das palavras que lêem nos livros. E tu, já tens um telescópio?

Prof.ª Dulce Figueiredo



Outros colegas se juntaram ao grupo e observavam o céu com um telescópio maior.

Visita de estudo a Lisboa



No Museu da Eletricidade, o efeito visível da eletricidade estática no cabelo da Mariana.

Pelas sete da manhã, do dia 19 de outubro, sob um sol de estio tardio, nós, os alunos de 9º ano, já estávamos reunidos no portão principal, ansiosos pela partida rumo à capital que alguns iriam descobrir pela primeira vez.

Nas divertidas quatro horas de viagem, apenas parámos na estação de serviço de Abrantes e, sem nos darmos conta, chegámos a Lisboa e ao local da nossa primeira visita: o Museu Nacional de Arte Antiga. Em poucos minutos, recuámos até à Idade Média e ao Renascimento. A visita foi deveras enriquecedora, mostrando-nos a arte dos nossos antepassados e as diferenças artísticas entre estes dois períodos da vida do Homem patentes no perfeccionismo, no alinhamento e na profundidade das pinturas, das estátuas e de outras manifestações culturais alusivas a cenas religiosas e ao quotidiano. De entre todas estas obras de arte, queremos destacar dois ex-líbris do museu: a famosa Custódia de Belém (feita por Gil Vicente, o pai do teatro português, com o primeiro ouro de Quíloa) e os não menos célebres Painéis de S.Vicente. Vimos também

imagens, em jarrões e tapeçarias, do tempo dos descobrimentos, que caracterizavam as populações orientais. Uma curiosidade: o Museu Nacional de Arte Antiga foi construído com material de tal forma resistente que sobreviveu ao grande Terramoto de 1755.

Cerca do meio-dia e meia, seguimos caminho para o Mosteiro do Jerónimos, mas antes almoçámos e tivemos como sobremesa os famosos pastéis de Belém. De passagem, visitámos o Mosteiro dos Jerónimos, onde tivemos a oportunidade de ver o túmulo de um dos nossos maiores poetas, Luís Vaz de Camões. A caminho do Museu da Eletricidade, passámos pela Torre de Belém. Já neste museu, foi-nos explicado o aproveitamento das energias renováveis e aconselharam-nos maneiras de contribuir para a melhoria do nosso Mundo a nível ambiental. Aí também pudemos ver como eram os geradores, o processo da queima do carvão e visitamos a Casa das Máquinas da antiga fábrica, onde a temperatura rondava os quarenta a cinquenta graus celsius e deram-nos a informação da existência de três tipos de carvão: o queimado, o meio queimado e o não queimado. Acabadas as visitas, concluímos que tudo isto foi muito importante, didático e produtivo para o nosso processo educativo. No regresso o trânsito não ajudou muito, mas isso foi irrelevante porque o divertimento esteve no seu auge e nunca perdemos a boa-disposição, apesar da ansiedade em contar como correu e o que vimos aos nossos pais.

Resta-nos acrescentar que apreciamos as visitas e a companhia dos nossos colegas e das professoras, salientando-se a paciência do condutor. Cabe-nos agradecer esta oportunidade, às professoras e à escola. Um grande obrigado!

**Ana Raquel Romano e
Pedro Morgado, 9ºA**

Rádio Escolar e Frei Heitor Pinto TV 2009/10 e 2010/11



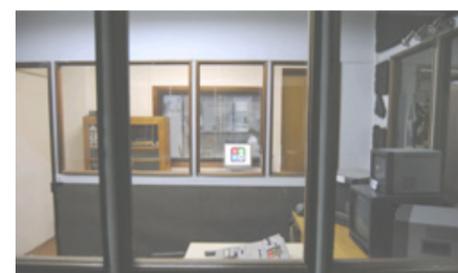
É importante começar por explicar que este texto não é de maneira nenhuma uma notícia. Não pretende informar, divulgar ou relatar. É um texto dirigido a todos os que, de variadas maneiras, estiveram presentes nesta aventura que foi o projecto Rádio Escolar e Frei Heitor Pinto TV nos anos lectivos de 2009/2010 e 2010/2011. Começou por ser um projecto da turma 9ºB. Mas, por amizade e curiosidade, dei por mim a envolver-me nesta actividade. Quase clandestinamente, lá comecei por entrar nos estúdios, a familiarizar-me com os microfones, mesas de som, aparelhos para tudo e mais alguma coisa. Quando dei por mim, tinham já passado alguns meses, e eu sentia-me em casa. É exatamente isso que quero destacar e lembrar a todos: a rádio, além de um projecto, aventura e até loucura, tornou-se a nossa segunda casa. Criaram-se laços muito fortes de amizade, memórias que jamais irei esquecer. Mas também muito trabalho, claro. No inverno, os radiadores e aquele ambiente acolhedor faziam as delícias do grupo e, no verão, o local era fresco, qual porto de abrigo para os pioneiros desta viagem. Claro que, no meio de tanta emoção havia também trabalho, pois as tarefas iam sendo concretizadas por todos, nem sempre bem distribuídas, admito. Toda a equipa aprendeu a lidar com o material, e um sentimento de jornalista ou de técnico amador invadiu-nos o espírito. Não poderia es-

quecer o Concurso de Talentos que tanto trabalho deu ao grupo. Foram dias verdadeiramente loucos! Todos corremos freneticamente, de um lado para o outro, mas o evento foi um sucesso! Deixo aqui o meu agradecimento a todos os que participaram, do lado de cá, mas também do lado de lá. Valeu bem a pena toda a loucura dessa organização e como diria o nosso coordenador (bendita seja a tua paciência!) “o que se passa por trás dos panos de um palco, lá fica”. Um ano novo recomeçou e a equipa (apesar de um pouco diferente) estava pronta e arregaçou as mangas para uma nova viagem: o projecto da televisão. O espaço foi remodelado, e só vocês sabem quantas mãos cheias de cola e joelhos doridos isso custou.

O aspecto físico mudou, a equipa teve saídas e entradas, os objectivos eram outros e a paciência para os alcançar já não era a mesma. Todavia fomos sem dúvida um exemplo de união, de espírito empreendedor e de jovens que, apesar de muito terem “levado nas orelhas”, mostraram empenho e cooperação.

Resta-me deixar um “muito obrigada” a todos, pelo que ensinaram e pelas memórias que deixaram. Obrigada aos professores que nos acompanharam e nos aturaram, e um desejo de “boa sorte” para os que integram a equipa este ano!

**Patrícia Garcia, 10º C,
Clube CHAMA**



Bom. Vamos lá botar faladura.

Como os caros Putinhos sabem, a nossa escola foi, há pouco menos de um mês, palco de campanhas para a eleição da Associação de Estudantes. Porque não fazer uma pequena apreciação do sucedido?

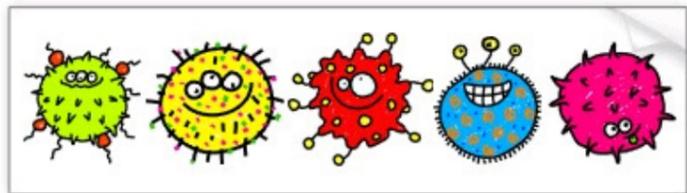
Os candidatos à AE chegaram em três sabores: "A", "D" e "O" (listadas por ordem alfabética de modo a evitar o apedrejamento do autor, mencionado nalgumas edições atrás. Já passou um ano!?). E, para não fugir à regra, televisões, consolas e brindes marcaram presença. Mas atenção, que este ano a escola foi presenteada com uma novidade: uma televisão de cartão e um coelho.

No fundo o que aqui pretendo fazer não é uma crítica às listas, nem sequer publicitar a lista "O". O meu objetivo é somente explicar aos Putinhos a "MENSAGEM", que penso não ter ficado bem esclarecida, da dita lista. É que grande parte dos eleitores ficou com a ideia que o objectivo da lista era apenas "gozar" com todo o acto eleitoral (pronto, era um bocadinho). Mas a finalidade principal da lista "O" era apresentar aos eleitores da nossa escola uma alternativa. Uma alternativa à demagogia, uma alternativa ao antigo e uma alternativa a televisões que realmente funcionam. Com a televisão de cartão evidenciámos a demagogia das consolas. Com as medidas apresentadas evidenciámos a falta de seriedade e com o nosso comportamento errático e deambulante mostrámos, de uma maneira certamente hiperbolizada, o que estávamos dispostos a fazer.

Mas uma verdade é incontestável: a escola escolheu. E a escola escolheu "D". Resta-me, portanto, desejar boa sorte ao novo "people" da AE, e pedir-lhes que, por favor, não nos façam aguentar...

José Diogo Simão, 10º A, Clube CHAMA

K nojo!



Li, há dias, um artigo, numa revista sobre factos científicos, relacionado com um tema que me deixou, no mínimo, incomodada por se tratar de um assunto tão banal e ao mesmo tempo tão nojento. Estou a falar de micróbios, bactérias, fungos e outras porcarias que convivem connosco todos os dias.

Vejamos então o 'top' dos sítios mais imundos onde esta bicharada prolifera:

-A escova de dentes. Pois é, a escova de dentes que metemos todos os dias na nossa boca. A escova, desde que esteja destapada a menos de dois metros da sanita recebe salpicos minúsculos quando se puxa o autoclismo. Já sabemos de quê...

-Depois segue-se o assento da sanita, que nas casas de banho públicas não se torna tão perigoso como a maçaneta da respectiva porta.

-Seguem-se as taças dos aperitivos de bar. Aquelas onde todos metem as mãos para tirar amendoins, ou afins. Mãos que muitas vezes mexeram nas tais maçanetas de portas.

-O próximo, é o dinheiro, que é mesmo do mais sujo que há, com o seu vasto leque de micróbios e até, em alguns casos, com vestígios de E-coli.

-Seguem-se os nossos adorados telemóveis, que conseguem ser mais sujos que as sanitas. Qual foi a última vez que desinfetaste o teu telemóvel? Da sanita, pelo menos eu lembro-me de em minha casa ser sido no fim de semana!

-Por último, a pele humana especialmente a das mãos. Sim a mesma que te separa destas folhas de jornal, carregadinha de germes que nem imaginas. Por isso, quando acabares de ler, faz lá o favor de ires lavar as mãos!

Mas, nem tudo é mau, muita desta bicharada, também pode trabalhar a nosso favor. Por exemplo, na comida e na bebida existem bactérias que ajudam a fermentar pão, iogurtes, cerveja, vinho, entre outros. Na medicina, o mais famoso é a Penicilina presente em antibióticos. Também na criação de combustível renovável está a ser utilizada uma bactéria modificada para fermentar matéria-prima renovável em diesel, pois quimicamente o etanol é um álcool.

Parece assustador, eu sei, mas vamos com calma. Alguns cuidados de higiene básicos garantem-nos que conseguimos sobreviver nesta guerra contra os germes assassinos.

Luisa Azevedo, 8º C, Clube CHAMA

Autobiografia

O mundo recebeu-me no dia 23 de Maio de 1996, quando a escuridão da noite dominava a paisagem. Nasci na Covilhã, cidade de serra, mas sempre vivi em Belmonte. Uma criança feliz, de cabelo claro e olhos castanhos que passava despercebida entre a multidão. Criança essa que passou por momentos difíceis que, aparentemente, formaram a sua personalidade lutadora e consistente, alguém com ambições e desejos infinitos. Esse ser é quem eu penso que sou. Onde quer que estivesse estava satisfeito, sempre alheio a todos os problemas, sorrindo, encantado com o meu próprio mundo. Porque essa é a atitude que tenho ou, pelo menos, que costumava ter. Hoje, invejo a in-

genuidade de ser criança, de viver preocupado com um simples presente e não com um complexo futuro. Era tão fácil ter grandes ambições e divulgá-las sem receios.

Os primeiros dez, onze anos da minha vida foram assim vividos; contudo, com o divórcio dos meus pais tudo mudou, foi difícil, não especificamente para mim, mas para aqueles que me eram próximos e isso fez-me crescer. Mudei de escola, de amigos, foi algo difícil; porém não voltaria atrás no tempo para alterar factos.

Apesar de tudo, esses passos fizeram de mim quem sou hoje, trouxeram-me ao caminho que hoje percorro e à vida com que hoje me sinto feliz!

B.S., 10º A

Fica para amanhã...

Passado cerca de um mês da entrada do outono, esta nova estação parece ter ficado à porta. Decerto, preferiu continuar a apanhar banhos de sol no jardim de verão. Este tipo de notícia não faz, nem nunca fará, manchete de jornal, até porque há acontecimentos bem mais interessantes a serem tratados. No entanto, ando cá com umas suspeitas de que a Natureza decidiu adotar nacionalidade portuguesa. Isto tudo porque, também ela, decidiu deixar todo o seu frio, vento e chuva para depois e se, há algo que um português (típico, diga-se) não dispensa é deixar tudo o que tem para fazer para o dia de amanhã. Mas será que o frio não vem? Nem o vento? Então e a chuva? Quem sabe...

Ainda assim, nem só de molenguice vive o nosso povo. Também há sempre o desprezo pelos produtos nacionais ou a vontade incansável de descansar que, ao fim e ao cabo, conduzem ao que se pode chamar sofá. O genuíno português adora o sofá, é este o seu objeto de culto. Mas, desde que não seja para trabalhar, qualquer coisa dá.

Nos países nórdicos seria impossível deixar tudo para depois. Nos gélidos campos noruegueses só se consegue trabalhar durante a estação quente que, na realidade, é bastante fria para

um habitante do sul da Europa. Durante o resto do ano, podem descansar e usufruir de tudo o que o campo lhes ofereceu. Os portugueses não, arrastam-se durante todo ano para, no fim, tirarem pouco proveito da sua terra. Com tudo isto vêm montanhas de queixas e, claro, importações desnecessárias. Esta é a aplicação prática do "fica para amanhã..." que assenta que nem uma luva ao povo português.

Embora tudo isto esteja trocado e alguns neste país não levem muito a sério esta coisa de trabalhar, existem aspectos positivos que devem ser referidos. A verdade, é que este país sempre sentiu necessidade de proteger a sua identidade. Portugal é diariamente salvaguardado, graças à renovação e difusão das nossas tradições. Se bem que, um pouquinho mais de força de vontade não fazia mal a ninguém...

Em suma, o português tem que tirar o sofá do seu altar e, quem sabe, colocar lá uma enxada. O nosso país atravessa maus momentos e não podemos ficar serenamente sentados (ou deitados, que é melhor), a assistir à nossa decadência. É necessária uma força de vontade renovada em cada um de nós para erguer de novo Portugal que, ainda assim é o país onde quero viver!

Ana Isabel Marques, 10ºA

Falo

Às vezes, é preciso falar, falar para não deixar entrar o silêncio. Falar calmamente, deixando o ar seguir o seu destino, vagarosamente, como neve que cai ao sabor do frio. Nada é mais relevante que a palavra gritada à revelia do momento, num contra movimento, onde o tempo atua como onda perdida e multiplicada pelo mar. Falo enquanto escrevo, enquanto durmo, enquanto penso, falo só ou acompanhado, falo aos céus e às formigas, falo porque enquanto falo, vivo, para o silêncio não encher o vazio, por isso, faço-me assim de espaço, cheio de palavras, como nuvem, cheia de chuva.

XRTC, 11ºB

Domingo, anoitece...

Foi um serão curto, o deste dia. Depois da longa conversa da tarde fomos jantar. Comemos, conversámos e rimos; nada diferente dos outros dias! Arrumou-se a cozinha e estivemos juntos na sala, uma boa meia hora, conversando sobre algumas informações que iam passando num canal de notícias. O raio do mundo ia de mal a pior, e nem ao fim de semana as desgraças descansam... Depois, paulatinamente, um a um, deram-me um beijo de até amanhã, e foram para os seus quartos acabar os trabalhos de casa e preparar o dia seguinte: mais uma segunda-feira, e o regresso às tarefas e às rotinas dos dias comuns. Eu fiquei mais um pouco e sozinho naquela divisão da casa.

Se é verdade que, por regra, não gosto de estar só, também o não é menos, que há momentos em que o silêncio me dá uma oportunidade de me refugiar em mim mesmo. E, posso afirmá-lo: há alturas onde esses momentos íntimos, de isolamento e de tranquilidade constituem uma autêntica necessidade. Talvez seja esse um dos seus segredos!

Mas o silêncio deve servir para pensar ou, somente, para sentir? Ou será

que, como diria Alberto Caeiro, o silêncio deve ser antes utilizado para procurar sentir sem pensar, pois pensar é não compreender um mundo que apenas foi feito para se sentir?

Seja aquilo que for ou que se entender que seja. Por vezes, é bom para o nosso bem-estar e um ensejo para poder usufruir de uma pausa que nos preenche e satisfaz; de tudo e de nada; de meditações ou somente fantasias; de ideias ou simplesmente intenções; de ausências, de tristezas, de interrogações, de memórias de momentos felizes; de outras que carregam qualquer má consciência que nos aperta o peito.

Foi com este espírito, aberto ao que viesse, que me mantive sentado no meu lado do sofá, olhando para todo um confuso universo que me usurpava os pensamentos, circulava em mim num estonteante devaneio, e se desvanecia sem que o conseguisse decifrar.

Sentir é não possuir palavras e silenciar a mente. Apenas esperar.

Foi assim, nessa quietude, que me embalei num sono solto e despovoado de memórias.

Prof. Carlos Elavai Vieira

Crónica para quem não gosta de ler

Estás a ver? Há alguém que tenta crescer para ti. Não te importes com os ratos de biblioteca ou aqueles que dizem que ler é o seu passatempo favorito, ou ainda aqueles que têm todos os livros em casa – talvez, digo eu, a substituir os bibelots em cima dos móveis. Sempre são mais baratos. A não ser que se comprem nas lojas dos 300 ou nos chineses. A propósito, também já vendem livros nestas lojas?

O que é bom é não ter nada para fazer. Nem os pais e os profs a chatear, que é importante ler e coisa e tal. Fernando Pessoa, que era, dizem, personalidade culta, escreveu: ler é maçada e estudar nada...

Estas a ver? Não estás só.

Esta crónica foi escrita especialmente para ti, que não aprecias esse prazer (?) e tens a tua mente virada para coisas mais interessantes.

Atenção que não deves ser visto com o *Chama* debaixo do braço. Só jornais da bola são permitidos! É que os outros ainda te gozam “olha aquele anda com um jornal debaixo do braço; não me digas que deste em intelectual ou outras coisas menos próprias”.

Já estás a ficar farto de ler?

É verdade que já lá vão alguns parágrafos, sem desistires, embora, penses que também já faltou mais... O que a bem dizer é verdade. E já ago-

ra, se calhar é melhor ir até ao fim, não é?

Perguntas-te: “este gajo está a mandar comigo, ou quê?”

Eu respondo: “evidentemente, ou quê? Não sou de brincar seja com quem for”.

Vais interromper a leitura? Logo agora? Não tens curiosidade? Eu, no teu lugar continuava, é que há uma *estória* gira de gajas e gajos interessantes.

-Gajos interessantes? Então, ó meu, estás a falar com quem?

-Calma que também estou a falar com elas. As gajas também não gostam de ler. O diretor de turma deu-lhes o jornal e devem, também elas, estar a armar em leitoras e a tentar ultrapassar a barreira da 1ª página.

-Isto das gajas que não gostam de ler era para mim? Acho que estás a começar mal, para quem quer ser diferente.

-Mas eu não quero ser diferente, só quero estar um pouco convosco e como sou muito tímido, quero chamar a atenção desta maneira. Posso continuar? Não? A sério? Sinceramente, gostava de continuar. Tenho coisas bué de fixes para dizer...

-Calo-me? Pronto. Pronto. Talvez tente outra vez no próximo número...

Manuel Rei, ex-aluno

Um testemunho da crise que também afeta os jovens

Nasci num berço de ouro. Eu tinha tudo o que precisava e queria... Os meus pais tinham muito dinheiro, não precisava de fazer esforços para nada. Mas, um dia, a minha vida mudou completamente... Tudo o que tinha, todos os meus sonhos, enquanto criança, tinham desaparecido. Agora via-me numa situação difícil, apercebi-me desde aí, com apenas onze anos, que a vida não era fácil e tinha muitos altos e baixos.

Em minha casa, vivem seis pessoas: eu, os meus três irmãos e os meus pais. Só a minha mãe trabalha para nós os seis. Sei o quanto é difícil sustentar esta família habituada a tudo do bom e do melhor. A entrada na minha adolescência também foi um pouco complicada: descobri que até as pessoas que nós mais admiramos acabam por nos desiludir. Estava agora a aperceber-me de certos pormenores que em criança eram irrelevantes. Pensei que todas aquelas discussões que os meus pais tinham eram próprias de casais e dos adultos. Um dia, entrei em casa, à noite, e os meus pais estavam a discutir. A minha mãe chorava... Quando eu cheguei junto dela e perguntei o que se passava percebi todos os problemas que, em criança, não me apercebia. Percebi agora a ânsia do meu pai; o facto de ele não sair da cama durante quase três dias e, por vezes, até mais tempo, o facto de se queixar com dores, por coisas que ele con-

sumia. Ele chegou a ser despedido por causa das ressacas. Morria de medo se os meus irmãos novos descobrissem isso, porque não queria que eles tivessem também essa desilusão, como eu tive.

Com os meus quinze anos, mais ou menos, tive o meu primeiro namorado. Os primeiros tempos foram bons como em todas as relações, mas, passados seis meses, ele começou a fazer cenas de ciúmes, até que um dia me agrediu em frente de todos os meus amigos e do meu irmão, tratando-me mal, também, verbalmente. Isto passou e veio pedir-me desculpa e eu desculpei. Passadas umas semanas aconteceu tudo de novo. Mas, sempre que ele vinha pedir desculpa, eu desculpava com medo do que me poderia acontecer. Isto durou mais ou menos um ano, até que um dia tive de pôr-lhe um fim, porque não era isto que queria para a minha vida.

Durante este tempo todo, tive ajuda de psicólogos, porque a minha mãe achava que eu precisava, já que ela própria, para além destes problemas, também estava doente.

Mas, agora, felizmente, tudo acalmou...

Embora os meus problemas não estejam resolvidos, passei a ver a vida de outra maneira e hoje sorrio, tentando não pensar tanto nos problemas, porque sei que ainda vou passar muito mais

Uma aluna do 10º ANO

Ruptura Adolescente

Sentimentos que passam à velocidade da luz
Na berma de uma estrada armadilhada por lobos solitários
É a certeza da vivência num lugar errado
Para a incerteza da existência de um lugar correcto...

Confidências que oiço de cada vítima rendida à carruagem mais curta
Na borda de um precipício que força a sua própria queda
É olhar para as estrelas numa noite de Verão
Para saber que o seu significado puro fugiu com a infância...

Fluxos de cartas agorafóbicas que se esquecem do destinatário
Numa aresta baloiçante em que as letras sucumbem perante a multidão
É suster a respiração por qualquer cavalo branco galopante
Para acreditar que o ar do oceano passará a ser colorido...

Réplicas de sismos que prometi a mim mesmo esquecer
Numa cidade de um só homem em que o herói é derrotado pela sombra
É querer viver por um motivo maior do que eu
Para encontrar um paraíso terreno de realização!

Murmúrios de um Outono que embala segundas oportunidades
Numa qualquer folha dourada a quem o vento dá asas
É a ânsia de fechar os olhos e perder a memória de todas as páginas
Para ganhar a visão libertadora de um recém-nascido!

Francisco Silveira, 12º D, Clube CHAMA

Ficha técnica

Propriedade

Escola Secundária
Frei Heitor Pinto
Av. 25 de Abril,
6200 Covilhã
Tel. 275 331 228

Equipa Coordenadora

Magda Gonçalves
Maximina André

e-mail

chama.esfhp@gmail.
com

CHAMA versão digital

www.esfhp.pt

Paginação

Magda Gonçalves

Tiragem

1000 exemplares

Impressão

Reconquista

Colaboradores

Aníbal Mendes
Fátima Rodrigues
Teresa Raquel
Vitor Santos
Patrícia Garcia
Equipa do PES
Miguel Cardoso
Clube de Robótica
Francisco Silveira
Inês André
João Fazendeiro
Regina Gadanho
Turma 7º B (português)
Grupo EMRC de 9º
Piedade Costa
Turma 7º A/B (francês)
Dulce Figueiredo
Ana Raquel Romano
Pedro Morgado
José Diogo Simão
Luisa Azevedo
B.S.
Ana Isabel Marques
X.R.T.C.
Carlos Elavai Vieira
Manuel Rei
Anónima do 10º
Núcleo de estágios de
C.F.Q.

Um dia com Ciência e Poesia Tributo a Rómulo de Carvalho/António Gedeão

O professor-poeta Rómulo de Carvalho-António Gedeão foi a figura central da comemoração do dia da cultura, no dia 23 de novembro. A organização, a cargo do núcleo de estágio de CFQ da Escola, dinamizou um programa repleto de Ciência e poesia, paixões na vida daquele grande divulgador da cultura científica. A disciplina em foco, a Química, foi explorada em todas as suas vertentes: científica, tecnológica e aplicações na sociedade. As três palestras, subordinadas ao tema "A Química em casa" evidenciaram os progressos extraordinários daquela Ciência na sintetização de produtos que, entre outras soluções, permitem minorar a fome no mundo ou solucionar o esgotamento de recursos naturais, providenciando alternativas com propriedades mais vantajosas, como no caso de corantes. Os três oradores, Dr. Manuel Magrinho e as professoras estagiárias Carla Morais e Nélia Almeida, elucidaram a assistência sobre a panóplia de aditivos aos alimentos, produtos de limpeza e produtos de higiene e beleza pessoal, alguns deles com potencial tóxico não negligenciável. Os palestrantes alertaram ainda para os riscos em que incorre o cidadão no uso e abuso de certos alimentos e cosméticos,



bem como para atitudes incorretas e de consequências perigosas para a saúde nas limpezas com lixívia e produtos amoniacais. No final, foi distribuído um desdobrável com muita da informação relevante comunicada.

Noutros momentos da sessão aconteceram momentos lúdicos dando realce à faceta artística de Rómulo de Carvalho, patente em todas as suas publicações onde à escrita natural, fluente, poética, mas rigorosa, alia ilustrações ora de uma ingenuidade comovedora, ora de grande pormenor. Durante as referências biográficas, alguns dos professores e alunos presentes leram citações de ex-alunos de Rómulo ou, excertos dos seus poemas, o que emprestou vivacidade à apresentação. António Gedeão esteve em destaque com a leitura de dois poemas que realçam a atenção dada pelo poeta aos problemas humanos e sociais e o humor e a ironia que transparecem nas suas palavras. A leitura foi sustentada pela encenação, a cargo dos alunos do 7º A, de jogos teatrais da professora Maria João Silva que, em laboratório, testaram uma "Lágrima de preta" para concluir que "nem sinais de negro, nem vestígios de ódio, água (quase tudo) e cloreto de sódio". E

que dizer do momento de boa disposição geral, quando a professora Maria João Boucho dizia, com toda a expressividade que o texto exigia: "... Fuge, fuge, Leonoreta, vai na brasa de lambreta,..." e entram, de rompante, dois jovens, montados numa lambreta refulgente de cor e brilho? Como prova de reconhecimento pela colaboração ativa de professores e alunos, durante a sessão e nos preparativos da mesma, foi-lhes dado a provar "espaguete" dourado, com sabor a laranja, e "caviar" rosado, de groselha, itens obrigatórios na gastronomia molecular. Entre cores e sabores, os alunos e professores voltaram às aulas. As organizadoras da comemoração julgaram traduzir o sentimento de todos ao agradecerem a Rómulo com as suas próprias palavras: "Eu queria agradecer-te (Rómulo), a inteligência das coisas que nos deste, eu, e quantos milhões de homens como eu a quem tu esclareceste".

Núcleo de estágio de C.F.Q.



Atitudes preventivas para reduzir a nossa exposição a produtos perigosos:

- Evitar a limpeza a seco, sempre que possível. Se o fizermos, deixar a roupa a arejar antes de a arrumar.
- Arejar a casa com frequência pois, geralmente, a concentração de tóxicos é menor no ar da rua do que no da sua casa.
- Evitar o uso de ambientadores (sugestão: usar aromas naturais).
- Evitar produtos de limpeza com aromas fortes.
- Substituir a naftalina por castanhas da Índia.
- Para desinfecção opte por sumo de limão, vinagre, bórax, sabão e sol (a radiação UV é bactericida).
- Quando usar um repelente de insetos, faça-o num local arejado.



Na nossa higiene pessoal:

- Preferir produtos com substâncias naturais e sem aromas artificiais.
- Evitar tintas de cabelo permanentes, especialmente aquelas que possam: "provocar reações alérgicas".
- Respeitar a validade dos cosméticos (a ação bactericida é limitada no tempo).

Em caso de acidente:

- Afaste-se do local e dirija-se para outro bem arejado.
- Ventile bem o local antes de lá voltar para deitar fora o líquido ou arrumar.
- Espere o tempo suficiente para que os vapores se dissipem. Dilua a mistura com muita água e use luvas.

Torne a sua casa segura:

- Leia sempre os rótulos e siga as instruções
- Nunca coloque um produto perigoso noutro recipiente diferente do original.
- Use sempre proteção adequada quando usar esses produtos e lave bem as mãos depois de os usar.
- Nunca misture diferentes produtos de limpeza, incluindo marcas diferentes do mesmo tipo de produto, pode levar à formação de tóxicos ou reduzir a eficácia dos mesmos.
- Mantenha os detergentes, ambientadores, insecticidas, etc., fora do alcance das crianças e afastados dos alimentos.

A lixívia é um dos produtos de limpeza mais utilizado, mas também um dos mais perigosos se usado de forma inadequada!

Nunca misture:

- Lixívia com outros produtos (ex.: limpa canos com carácter ácido, detergente amoniacal) origina compostos altamente tóxicos e corrosivos, extremamente prejudiciais para a nossa saúde.
- Lixívias de diferentes marcas, em particular lixívias com hipoclorito de sódio (NaClO) - lixívia tradicional e lixívia com peróxido de hidrogénio (H₂O₂) - lixívia "gentil". A mistura das duas lixívias é nociva, pois há libertação de cloro, um gás altamente tóxico e corrosivo, agindo principalmente sobre os olhos e sistema respiratório.